



ESTRUTURA DE PRODUÇÃO PRIMÁRIA E INDUSTRIAL DO LEITE NO BRASIL

O cenário de muitos produtores com baixa escala de produção e de indústrias com captação fragmentada traz muitos problemas para a cadeia do leite, ao mesmo tempo em que reduz a competitividade do País no mercado internacional de lácteos

O Brasil é atualmente um dos principais produtores de leite do mundo, ocupando a quarta posição no ranking de produção de leite. Isso foi possível graças ao consistente crescimento da produção brasileira. De 2006 a 2016, enquanto a produção mundial cresceu 17,0%, no Brasil esse crescimento foi de 28,4%, segundo dados da FAO – Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura. Nesse mesmo período, a captação de leite dos 15 maiores laticínios brasileiros, divulgada pela Leite Brasil, apresentou crescimento ainda maior, de 35,9%. Esses números indicam que a evolução da cadeia produtiva resultou em maior concentração no setor industrial, de modo que os maiores laticínios estão captando proporcionalmente mais leite.

Entretanto, ao se observar a estrutura da indústria nos principais players do mercado mundial de leite verifica-se que, em termos globais, a indústria de laticí-

nios brasileira ainda é muito fragmentada (Figura 1). Para se ter uma ideia, os cinco maiores laticínios captam, aproximadamente, 86% do leite produzido na Nova Zelândia; 78%, na Austrália; 64%, na França, e 59%, nos Estados Unidos. No Brasil, esse número é de apenas 28%, segundo dados da Rede Internacional para a Comparação de Fazendas de Leite (IFCN, na sigla em inglês) e da Leite Brasil.

Outro fator que merece atenção é que esse consistente crescimento na captação de leite dos maiores laticínios do Brasil ocorreu associado à redução significativa do número de produtores. No mesmo período em que a captação cresceu 35,9%, o número de produtores fornecedores caiu 29,5%, passando de 80.056 em 2006 para 56.452 em 2016; ou seja, uma redução de mais de 23 mil produtores. Portanto, o aumento na captação está associado também ao aumento da produção média diária dos produtores.

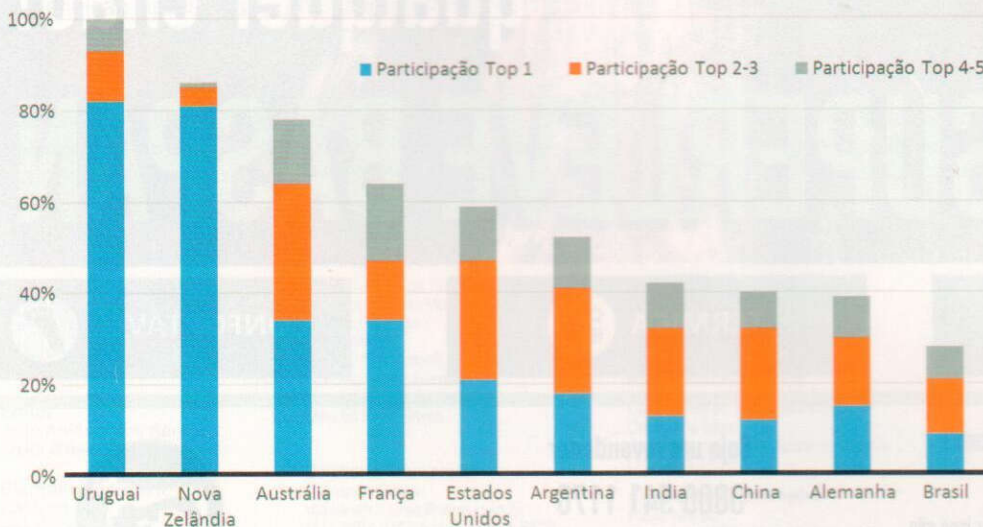
Em 2006, a produção média dos produtores vinculados aos grandes laticínios nacionais era de 197 litros por dia. Já em 2016, essa produção média diária atingiu 355 litros, alta de quase 80%. Apesar de ser um crescimento considerável, a estrutura de produção das fazendas brasileiras ainda é muito baixa, seja no âmbito do volume de leite, seja em termos de número de vacas. Considerando que as fazendas que fornecem leite para os principais laticínios do País apresentam produtividade média por vaca de 15 litros por dia, pode-se inferir que se trata de fazendas com, aproximadamente, 24 vacas em lactação.

Na Europa, 50% das fazendas produtoras de leite têm mais de 100 vacas, e estes números vêm crescendo nas últimas duas décadas. Enquanto isso, tem reduzido o número de fazendas com menos de 100 vacas, tendência que se intensificou após o fim do regime de cotas de produção. Nos Estados Unidos,

onde predominam sistemas mais tecnificados com uso de confinamento, 84% das fazendas têm mais de 100 vacas, e a classe que mais cresce é a de fazendas com mais de 1.000 vacas, que já representa quase 50% das fazendas de leite norte-americanas. Na Oceania, onde o modelo de produção tem predomínio do uso de pastagens para alimentação do rebanho, 98% das propriedades leiteiras têm mais de 100 vacas. Além disso, o total das fazendas com 100 a 300 vacas, que somavam mais de 80% das fazendas na década de 1990, está reduzindo muito, ao passo que o grupo de fazendas com mais de 300 vacas está aumentando e já representa quase 70% das propriedades leiteiras da Oceania (Figura 2).

FIGURA 1

PARTICIPAÇÃO DAS CINCO MAIORES EMPRESAS DE LATICÍNIOS NA CAPTAÇÃO DE LEITE DE PAÍSES SELECIONADOS



Fonte: IFCN e Leite Brasil, elaborado pela Embrapa Gado de Leite

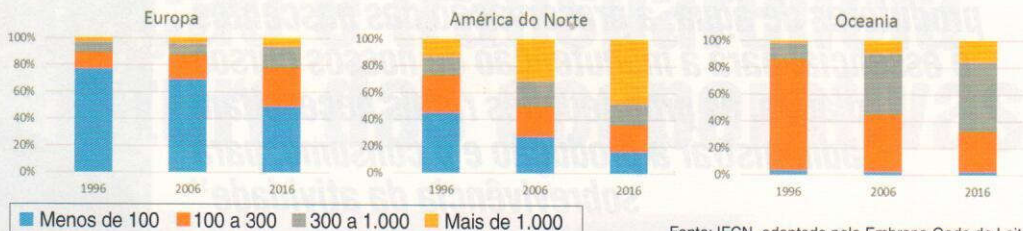
PROBLEMAS QUANTO À COMPETITIVIDADE INTERNACIONAL

A estrutura de produção de leite brasileira, caracterizada por um grande número de produtores com baixa escala de produção diária e uma indústria fragmentada, traz alguns desafios para a cadeia em relação à competitividade internacional. Para a indústria, essa fragmentação da oferta eleva o custo de captação

do leite, aumenta a capacidade ociosa dos laticínios, reduz o poder de mercado frente aos grandes varejistas, além de resultar em concorrência predatória entre as empresas. Para os produtores, a baixa escala de produção leva à perda de poder de negociação frente aos fornecedores (compra de insumos mais caros) e aos compradores (menor preço de venda do leite).

Além disso, é comum uma gestão pouco profissional, que reflete em alto custo de produção, baixa produtividade dos fatores de produção (vacas, mão de obra, terra e do capital investido), baixa qualidade do leite e pouca preocupação com sólidos (proteína e gordura). Além

FIGURA 2
EVOLUÇÃO DA ESTRUTURA DE PRODUÇÃO DAS FAZENDAS PRODUTORAS DE LEITE DA EUROPA, DOS ESTADOS UNIDOS E OCEANIA EM NÚMERO DE VACAS – 1996, 2006 E 2016



Fonte: IFCN, adaptado pela Embrapa Gado de Leite

desses fatores, existem no Brasil poucas localidades com maior densidade de leite por km², o que encarece o custo de captação e reduz a competitividade do segmento industrial. Obviamente existem algumas exceções como os clusters formados pela região contígua do sudoeste do Paraná, noroeste do Rio Grande do Sul e Oeste de Santa Catarina. Também em Minas Gerais vale destacar a região Central e o Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba.

No entanto, mesmo com todas estas dificuldades estruturais, a produção brasileira de leite vem se desenvolvendo ano após ano. É preciso reconhecer a existência de vários produtores competitivos, inovadores e com forte propensão

à prática de uma rotina profissional de gestão. Da mesma forma, existem empresas com perfil mais competitivo, pautadas pela excelência na produção. Mas olhando a cadeia como um todo, a fragmentação industrial, a pulverização da produção e diversas outras questões relacionadas à gestão (de fazendas e empresas) são obstáculos para uma maior competitividade brasileira no mercado internacional. ■

Denis Teixeira da Rocha: Analista da Embrapa Gado de Leite; Glaucio Rodrigues Carvalho: Pesquisador da Embrapa Gado de Leite; João Cesar de Resende: Pesquisador da Embrapa Gado de Leite; Lorildo Aldo Stock: Analista da Embrapa Gado de Leite.

PROGRAMA DESEMPENHO MÁXIMO

DESEMPENHO MÁXIMO

DESDE 1948

MATSUDA

MUITO MAIS LEITE. COM MAIS QUALIDADE.

+Leite

Pasto Intensivo

DESDE 1948

MATSUDA

WWW.MATSUDA.COM.BR

(18) 3226 2000 - SP (35) 3539 1800 - MG

f t y+ g+ in

MARCELO CANDIOTTO: UMA VISÃO DE FUTURO DO COOPERATIVISMO DE LEITE

BALDE BRANCO



A melhor revista do setor leiteiro

Ano 53 - número 643 - junho/2018 - R\$ 11,00 - www.baldebranco.com.br



SELEÇÃO GENÉTICA

Genômica do Girolando: um salto para o futuro

ASSISTÊNCIA TÉCNICA

CCPR/Itambé: Capacitação para a qualidade do leite

MEGALEITE

O melhor das raças leiteiras em Belo Horizonte

REPRODUÇÃO

TETF: multiplica mais rápido o melhor do plantel